

ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL E AMAMENTAÇÃO: RESULTADOS DA COORTE DE NASCIMENTO DE 2015

JÚLIA LARRÉ AFONSO¹; GREGORE MIELKE²; ANDRÉA HOMSI DÂMASO³

¹Universidade Católica de Pelotas – julia.lafonso@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gregore.mielke@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – andreadamaso.epi@gmail.com

1- INTRODUÇÃO

O Fundo das Nações Unidas para Infância estima que quase metade das mortes infantis ocorra na primeira semana de vida, sendo que a introdução do leite materno logo após o nascimento pode reduzir consideravelmente a mortalidade neonatal (OLIVEIRA et al., 2015). O leite materno é a melhor fonte de nutrição para a criança, apresentando efeitos positivos a curto, médio e longo prazo, tanto para a saúde da criança, quanto para a saúde da mãe (VICTORA et al., 2015).

Para que a prática do aleitamento se inicie e se mantenha é preciso que as mães sejam orientadas sobre o manejo correto da lactação, através de informações como a forma de colocar o bebê para mamar e a livre demanda. Um período ideal para estabelecer um diálogo com a mãe é justamente a gestação, sendo função do profissional responsável pelo pré-natal passar informações corretas para a gestante e sanar suas dúvidas. NASCIMENTO et al., 2013 encontrou uma valorização, por parte das mães, das orientações recebidas durante a assistência pré-natal e considerou essas um fator significativo para a decisão de amamentar e sua duração.

Nesse sentido, o presente trabalho objetivou analisar a associação entre o número de consultas indicadas de pré-natal com o início da amamentação ainda no hospital e sua prática aos três meses de vida, na Coorte de Nascimento de 2015 de Pelotas – RS.

2- METODOLOGIA

Foram convidadas para participar do estudo todas as mães que residem na zona urbana de Pelotas ou no bairro Jardim América (Capão do Leão), e que tiveram bebês nascidos na cidade no período entre 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2015. Foi explicado a todas as mães como funciona o estudo e apenas participaram aquelas que concordaram, realizando a leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Para este estudo, foram utilizadas informações do estudo de perinatal, no qual algumas horas após o parto, uma entrevistadora treinada aplicou um questionário a um total de 4330 mães ainda na maternidade; e, outro quando o bebê estava com três meses de idade (n=4110), onde também uma entrevistadora treinada aplicou um segundo questionário a essa mãe na residência da mesma.

Do estudo perinatal foram coletadas informações sobre anos completos de estudo da mãe (0-4 anos, 5-8 anos, 9-11 e 12 anos ou mais), se até o momento da entrevista a mãe já havia colocado o bebê no peito e o número de consultas de pré-natal realizadas. O número de consultas de pré-natal foi categorizado em menos de seis consultas e seis consultas ou mais, de acordo com as recomendações de atenção pré-natal do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012). A prática do aleitamento materno foi coletada no acompanhamento dos três meses.

Inicialmente foram conduzidas análises descritivas com cálculo de proporção do desfecho de acordo com a realização de consultas pré-natal (<6 ou ≥6 consultas). Num segundo momento, esta análise foi estratificada de acordo com o grau de escolaridade da mãe. A associação entre o número de consultas de pré-natal e as variáveis de amamentação foram testadas através de teste de qui-quadrado, adotando um nível de significância de 5%. Todas as análises foram conduzidas no software Stata versão 12.1.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 1 estão as principais variáveis do estudo e sua distribuição de acordo com grau de escolaridade da mãe. Do total de mães, 85,8% realizaram seis ou mais consultas de pré-natal, sendo esta proporção maior entre as aquelas com maior escolaridade (Tabela 1). Em relação às variáveis de aleitamento materno, 90% haviam colocado o bebê no peito nas primeiras horas de vida e 76,7% das mães ainda estavam amamentando aos três meses. O aleitamento materno aos três meses foi significativamente maior entre as mães com 12 anos ou mais de estudo (82,4%), quando comparado às mães com menor escolaridade. Não foi observada associação entre o grau de escolaridade e ter colocado o bebê no peito nas primeiras horas de vida.

Tabela 1: Descrição do pré-natal e das variáveis de amamentação. Coorte de Nascimentos de 2015. Pelotas, RS.

	Total	Anos de escolaridade			
		0-4	5-8	9-11	12+
	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
Pré-natal					
< 6 consultas	614 (14,2)	113 (28,5)	245 (22,2)	187 (12,7)	69 (5,2)
≥ 6 consultas	3699 (85,8)	283 (71,5)	860 (77,8)	1285 (87,3)	1269 (94,8)
Colocou no peito					
Não	424 (10,0)	50 (13,1)	111 (10,3)	141 (9,8)	122 (9,2)
Sim	3809 (90,0)	331 (86,9)	971 (89,7)	1302 (90,2)	1204 (90,8)
Amamentação aos três meses					
Não	961 (23,3)	90 (24,5)	296 (28,0)	350 (24,8)	223 (17,6)
Sim	3164 (76,7)	278 (75,5)	762 (72,0)	1063 (75,2)	1045 (82,4)

Na Figura 1 é apresentada a análise da associação entre realização de um número adequado de consultas no pré-natal e ter colocado o bebê no peito nas primeiras horas de vida. Observou-se que cerca de 88% das mães que realizaram pré-natal adequado (≥ 6 consultas) ofereceram o seio ao recém-nascido, sendo que esta proporção foi de 74% entre as mães que realizaram menos de seis consultas de pré-natal. BOCCOLINI et al., 2011 haviam descrito que as características maternas e domiciliares são menos importantes que as características do atendimento hospitalar do recém-nascido e do contexto da maternidade. Assim, efetuar o pré-natal de forma adequada é importante para que a mãe ofereça o seio nas primeiras horas.

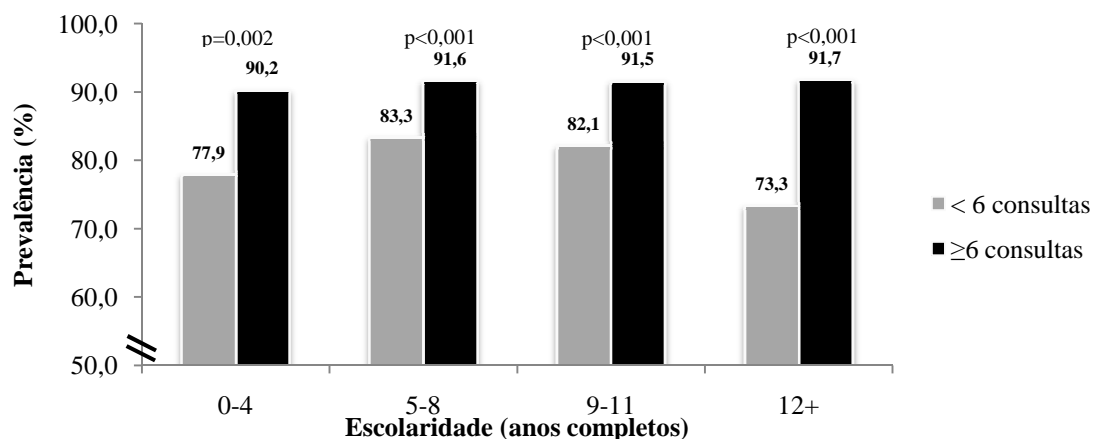


Figura 1: Proporção de mães que relataram ter colocado o bebê no peito (perinatal) de acordo com número de consultas de pré-natal e escolaridade. Coorte de Nascimentos de 2015. Pelotas, RS.

A Figura 2 apresenta a associação entre a realização de um número adequado de consultas no pré-natal e a prática do aleitamento materno aos três meses. Percebe-se que a realização de ao menos seis consultas durante o período gestacional não esteve associada com o desfecho entre aquelas mães com menos de 11 anos de estudo. No entanto, para mães com 12 anos ou mais de estudo e que realizaram o número recomendado de consultas de pré-natal, foram mais propensas a estarem amamentando aos três meses, quando comparadas aquelas com menos de seis consultas de pré-natal. Historicamente, no Brasil, as mães pertencentes às classes socioeconômicas mais abastadas costumavam ter menor prevalência de amamentação devido à propagação cultural de leites industrializados (VENANCIO et al., 1998). Uma possível causa dos resultados encontrados é que mães pertencentes ao maior grau de escolaridade, que realizaram pré-natal adequado, podem ter recebido informações suficientes para modificar tal realidade histórica e contornar possíveis problemas do período de amamentação, enquanto as mães que não efetuaram o mínimo de seis consultas mantiveram a reprodução do comportamento social.

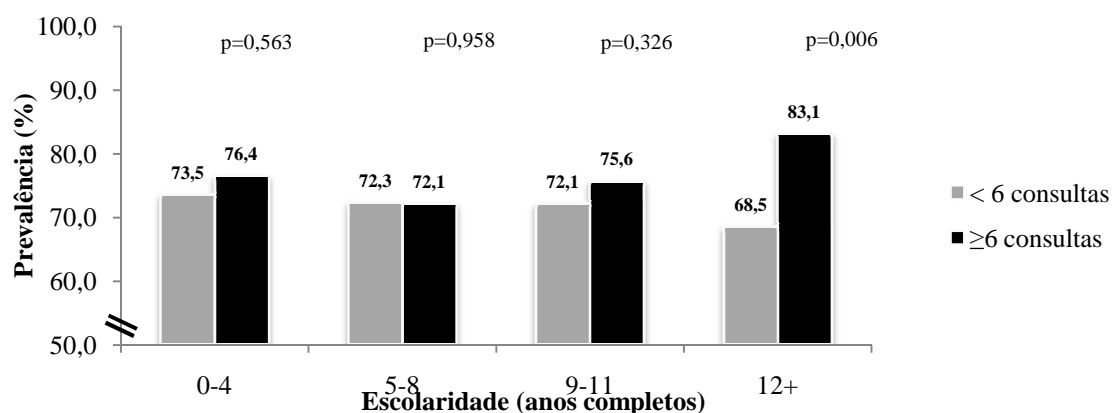


Figura 2: Proporção de mães que relataram estar amamentando aos três meses de acordo com quantidade de consultas de pré-natal e escolaridade. Coorte de Nascimentos de 2015. Pelotas, RS.

Algumas limitações devem ser consideradas. É importante destacar que nesse estudo não foi avaliada a qualidade das consultas pré-natais e o que foi passado para as mães nas mesmas. Entretanto, acreditamos que o número de consultas pode ser um indicativo de qualidade do cuidado pré-natal, visto que aquelas mães que tiveram mais consultas devem apresentar mais chances de receber informações adequadas, do que aquelas mães com menos consultas.

4-CONCLUSÃO

Nesse trabalho, observou-se que a realização de um acompanhamento gestacional de ao menos seis consultas foi um fator importante associada à amamentação no período do perinatal, independente do grau de escolaridade da mãe. Entretanto, efetuar um pré-natal adequado não se mostrou associado à amamentação aos três meses, exceto naquelas mães com maior escolaridade. A partir de tais análises, verificou-se a importância da realização das seis consultas no pré-natal para o início da amamentação e a necessidade de mais orientações durante esse período para a manutenção do aleitamento materno aos três meses, a fim de aumentar a prevalência da lactação nos primeiros meses de vida.

5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, C. S. de; IOCCA, A.; CARRIJO, M. L. R.; GARCIA, R. de A. T. M. Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre , v. 36, n. spe, p. 16-23, 2015 .

VICTORA, C. G.; HORTA, B. L.; MOLA, C. L. de; QUEVEDO, L.; PINHEIRO, R. T.; GIGANTE, D. P.; GONÇALVES, H.; BARROS, F. C.. Association between breastfeeding and intelligence, educational attainment, and income at 30 years of age: a prospective birth cohort study from Brazil. **Lancet Global Health.**, v. 3, n. 4, p. 199-205, Apr. 2015

NASCIMENTO, V. C. do; OLIVEIRA, M. I. C. de; ALVES, V. H.; SILVA, K. S.. Associação entre as orientações pré-natais em aleitamento materno e a satisfação com o apoio para amamentar. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife , v. 13, n. 2, p. 147-159, June 2013 .

BRASIL. Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica, nº 32: Atenção ao pré-natal de baixo risco. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012. 318 p.

BOCCOLINI, C. S.; CARVALHO, M. Z. de; OLIVEIRA, M. I. C. de; VASCONCELLOS, A. G. G.. Fatores associados à amamentação na primeira hora de vida. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 45, n. 1, p. 69-78, Feb. 2011 .

VENANCIO, S. I.; MONTEIRO, C.A.. A tendência da prática da amamentação no Brasil nas décadas de 70 e 80. **Rev. Bras. Epidemiol.**, v. 1, n. 1, p. 40-49, 1998